

VIVÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A TRANSEXUALIDADE: UM OLHAR SÓCIO-HISTÓRICO

EXPERIENCE AND ITS RELATIONSHIP WITH TRANSEXUALITY: A SOCIO-HISTORICAL LOOK

Daiane Rebeca Mendonça de Oliveira¹

Alvaro Marcel Palomo Alves²

OLIVEIRA, D. R. M. de; ALVES, A. M. P. Vivência e sua relação com a transexualidade: um olhar sócio-histórico. **Akrópolis**, Umuarama, v. 30, n. 1, p. 35-48, jan./jun. 2022.

Doi: [10.25110/akropolis.v30i1.8430](https://doi.org/10.25110/akropolis.v30i1.8430)

RESUMO: A pesquisa pautou-se na abordagem da psicologia sócio-histórica, a qual vê o indivíduo como um ser ativo, social e histórico. Para a psicologia sócio-histórica o sujeito busca respostas às suas necessidades pautando-se em condições objetivas e determinadas, somos produto e produtores da realidade, um agregado de relações sociais. Dessa forma uma sociedade que tem como norma a heterossexualidade, a binaridade sexual, os papéis sociais de gênero e o patriarcado, acaba por naturalizar fenômenos sociais, levando a impossibilidade de ações que busquem garantir uma maior equidade de gênero. Mediante essa realidade, a pesquisa analisou as vivências de transgêneros, os quais negam a reposição de papéis sociais em sua identidade, ocorrendo a metamorfose dessas. A pesquisa se caracteriza como qualitativa exploratória e se pautou na metodologia de construção da informação. Foram separados pré-indicadores e indicadores, os quais conduziram a formação dos seguintes núcleos de significação: “jogos, brincadeiras e infância” e “corpo, sexualidade como erotização”. A discussão apontou para a tentativa de reposição dos papéis sociais na identidade de transgêneros desde a infância, podendo acarretar em dificuldades de se relacionar com outros e com o próprio corpo, dado a rejeição social experimentada. Dessa forma, essa pesquisa pretende contribuir para a produção de conhecimentos que auxiliem na propagação e promoção de saúde mental, e ainda, para a desconstrução de preconceitos e tabus vivenciados pela população transgênero.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia social; Identidade; Gênero; Marxismo.

ABSTRACT: The research was based on the approach of socio-historical psychology, which sees the individual as an active, social and historical being. For socio-historical psychology the subject seeks answers to his needs based on objective and determined conditions, we are a product and producer of reality, an aggregate of social relations. In this way, a society that has as its norm heterosexuality, sexual binarity, social gender roles and patriarchy, ends up naturalizing social phenomena, leading to the impossibility of actions that seek to guarantee greater gender equity. Through this reality, the research analyzed the experiences of transgender, who deny the replacement of social roles in their identity, occurring their metamorphosis. The research is characterized as exploratory qualitative and was based on

¹ Bolsista do Programa de Iniciação Científica - PIBIC (2020). Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: daianeremo@gmail.com

² Psicólogo, mestre em Psicologia da Infância e da Adolescência (UFPR). Doutor em Psicologia e Sociedade (Unesp-Assis) Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e da graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (Pr). E-mail: ampalves@hotmail.com

the information construction methodology. Pre-indicators and indicators were separated, which led to the formation of the following meaning cores: “games, games and childhood” and “body, sexuality as eroticization”. The discussion pointed to the attempt to replace social roles in the identity of transgender people since childhood, which can lead to difficulties in relating to others and to the body itself, given the social rejection experienced. Thus, this research aims to contribute to the production of knowledge that helps in the propagation and promotion of mental health, and to the deconstruction of prejudices and taboos experienced by the transgender population.

KEYWORDS: Social Psychology; Identity; Genre; Marxism.

INTRODUÇÃO

Com a revolução científica do século XVI, a racionalidade constituiu-se como forma de modelo científico dominante, no qual a ciência que até então era atrelada a teologia, separa-se dessa e torna-se um conhecimento mais estruturado e prático, baseado nas ciências naturais. Apenas no século XIX, esse modo de fazer ciência se estendeu até as ciências sociais, se tornando global. Esse modelo não aceita o senso comum ou os estudos humanistas, negando todas as formas de conhecimento que não seguem os seus princípios epistemológicos e regras metodológicas definidas.

A psicologia se desenvolve em meio a essa concepção positivista de ciência, a qual segundo Bock (2007), não contempla o fenômeno humano em sua totalidade, pois apresenta uma visão dicotômica de sujeito como externo/interno, natural/social, ou ainda, autonomia/determinação.

A psicologia sócio histórica origina-se da psicologia histórico cultural de Lev Vigotsky (1896-1934), e se apresenta-se como uma superação das visões dicotômicas do homem presentes desde os primórdios da psicologia. Por meio do materialismo histórico critica o posicionamento naturalizado, mecanicistas e deterministas das abordagens psicológicas, apontando que essas não contemplam o objeto de estudo da psicologia em sua totalidade, ou seja, o homem e suas funções psicológicas. Esta posição gera um conhecimento incompleto, por apresentar dificuldade em conceber o fenômeno psicológico como concreto e multideterminado, promovendo a criação de ideologias que não contemplam os aspectos históricos, sociais e culturais na produção das funções psicológicas.

Segundo Vygotski (1930), a psicologia tem como sua tese elementar um indivíduo atravessado

por duas linhas evolutivas, a biológica a qual contempla nossa evolução como espécie Homo Sapiens, possuínte de características inerentes corpóreas, a quais se desenvolvem em meio a um contexto histórico, no qual sua personalidade e seu comportamento se formam em uma variável, dependendo da evolução social, do momento histórico e da cultural em que o indivíduo está inserido.

O sistema capitalista proporciona o nascimento e desenvolvimento da noção de eu, permitindo a ênfase no individualidade, o que torna necessário uma ciência que estude o sujeito. Entretanto, no capitalismo a sociedade se baseia em caráter de classes, tendo por consequência uma corrupção da personalidade humana, visto a ocorrência de um desenvolvimento unilateral das potencialidades dos sujeitos, pois realidades diferentes são ofertadas, dependendo da classe social em que o indivíduo está inserido. Com isso, o homem é subdividido em dois tipos de trabalho, manual e espiritual, maculando esses sujeitos que não tem acesso e nem controle sobre o produto do seu trabalho.

Vigotski afirma:

Um indivíduo só existe como um ser social – como um membro de algum grupo social, em cujo contexto ele segue o percurso do desenvolvimento histórico –, a composição de sua personalidade e a estrutura de seu comportamento acaba por se constituir em uma variável [‘quantum’] dependente da evolução social, cujos principais aspectos são determinados pela última. (VIGOTSKI, 2004, p. 1).

De acordo com Bock (2007), a psicologia sócio histórica traz a possibilidade de crítica por seus fundamentos teóricos e epistemológicos, no qual fundamenta-se no marxismo, adotando o materialismo histórico e dialético como filosofia, método e teoria. O qual contempla o fenômeno homem em sua totalidade, abandonando a visão abstrata do fenômeno psicológico, visto que nessa perspectiva o homem vai adquirindo experiências ao longo de suas vivências, sendo assim constituído através de um processo histórico qualitativo, e não natural, ou seja, é de extrema importância compreender o objeto de estudo da psicologia em sua realidade.

Os fenômenos psicológicos não estão à

parte do mundo externo, pois para compreender o psicológico se faz necessário apoiá-lo em uma realidade objetiva material histórica, na qual torna-se possível também a compreensão da sociedade, segundo Aguiar e Ozella (2006) o homem se constitui na e pela atividade, e por meio de sua existência se faz possível compreender aspectos sociais que atravessam o humano, como o funcionamento social, cultural e econômico, todos esses ressoam de algum modo na subjetividade individual. O sujeito produz o novo em sua singularidade, a qual é formada em uma relação dialética com a realidade objetiva.

O materialismo histórico e dialético tem por característica, de acordo com Bock (2007), uma concepção materialista, na qual a realidade objetiva existe em sua determinação e leis, independente da razão ou ideia humana. Dessa forma, passa-se a analisar os objetos em sua totalidade concreta, em que as partes estão em interação, possibilitando que o fenômeno apareça como tal e seja acompanhado seu movimento e transformação, entende-se também que a mudança dos fenômenos é uma soma quantitativa que se transformam em qualidade, possibilitando a transformação desse. Passa-se a entender que há movimento e transformação por causa das contradições existentes no próprio fenômeno, essa contradição se constitui a partir da relação desse objeto com o mundo que o cerca.

O marxismo se contrapõe às visões que excluem a subjetividade dos processos sociais, ou ainda que apresentem uma essência humana no indivíduo, ou seja, o sujeito e sua subjetividade são produções históricas na relação dialética com a objetividade. Com isso, a psicologia sócio histórica concebe os fenômenos psicológicos como resultado de um processo constituído socialmente na relação universal, particular e singular, baseado nas mediações sociais.

Diante do exposto, concluímos que as relações humanas ocorrem em uma realidade objetiva, na qual estão presentes relações de poder. Saffioti (2004) afirma que o poder é algo que circula os grupos, perpassando todas as camadas sociais e indivíduos, visto assim como uma rede, constituída por micro e macro processos, atingindo todos os sujeitos, no entanto, é certo que a condição econômica do indivíduo influencia no desempenho desse poder, ou ainda o seu gênero e etnia, visto que no processo histórico o poder foi relacionado como pertencente ao macho cisgênero, branco,

burguês e heterossexual.

Dessa forma, de acordo com Santos e Oliveira (2010), homens e mulheres vivem em uma sociedade que lhes apresenta determinadas condições objetivas e subjetivas de vida, sendo assim satisfazem suas necessidades e vontades com base na sociabilidade. Com base na abordagem dialética, na qual é possível relacionar aspectos da vida individual com a vida social, o indivíduo é visto como o conjunto das relações sociais localizados dentro de uma história individual e social.

O sujeito possui uma identidade, a qual é vista como metamorfose, sendo formada ao longo de sua vida. Apesar de o indivíduo no seu nascimento ter inúmeras possibilidades de ser, dada a sua plasticidade humana, esse depende de condições objetivas postas e da interiorização do sujeito quanto às expectativas colocadas sobre ele (CIAMPA *apud* PAULINO-PEREIRA *et al.*, 2017).

Quando a objetividade coloca-se contra as alternativas, de modo a impedir que essas venham a se concretizar, expressa-se a condição desumana de negação da vida, pois a vida, o trabalho e a liberdade não são dados naturalmente, “uma identidade humana é sempre negação do que se nega” (CIAMPA, 1987 p. 35). A identidade não pode ser produzida fora das relações sociais, pois ser humano é identificar e ser identificado, o que só é possível na relação com o outro. Segundo Lane (1987) a identidade é também uma questão política, pois é atravessada pela atividade produtiva individual e também pelas condições sociais e objetivas, local onde as atividades acontecem.

Parte da identidade individual é o gênero, expressão linguística que segundo Scott (1995), passa a ser utilizada na atualidade como forma de mostrar o caráter social das distinções entre os sexos. Apresentando uma rejeição ao termo sexo, por carregar uma determinação biologicista, a mesma que relaciona a subordinação da diferença entre os sexos pela justificativa que o homem é um ser biologicamente mais forte, possuindo uma musculatura superior. Apresentando uma realidade dualista, sexo/gênero. Segundo Saffioti (2004), não faz sentido essa separação, uma vez que “não existe uma sexualidade biológica independente do contexto social em que é exercida” (SAFFIOTI, 2004, p. 109).

Dessa forma, o gênero ocorre no plano da história, mas não deve ser redutível a ela, visto que está apoiado em uma realidade objetiva da natureza, como o sexo, logo o humano é formado

por uma totalidade, a qual engloba a natureza e o ser social. Saffioti (2004), entretanto, aponta que o gênero independe do sexo em razão da formação do agente social, ou seja, o gênero não se reduz ao sexo, visto a existência de diversas expressões de ser humano, tanto quanto o sexo não é tido como um fenômeno puramente biológico.

O termo gênero diz respeito à construção social mulher/homem. Contudo, o uso do conceito gênero aponta uma forma generalista de se referir ao ser humano, tendo em vista sua neutralidade por se tratar de um conceito amplo. Ainda de acordo com Saffioti (2004) o termo gênero não esclarece o vetor dominação-exploração. Entretanto, pode ser interpretado como um conjunto de normas modeladoras do comportamento humano. As relações de gênero não são dadas naturalmente, são construídas, muitas das quais tem por objetivo manter a submissão da mulher ao homem, como no patriarcado.

Saffioti (2004) apresenta o conceito de patriarcado como algo que perpassa as relações sociais desde a mais tenra idade, atravessando tanto a vida pública, quanto à privada, desse modo, atingindo a sociedade como um todo, visto que para a compreensão do funcionamento social, é necessário analisar o particular e o público, pois ambas se complementam, apesar de serem distintas, são também complementares. Desse modo, em uma sociedade patriarcal a diferença sexual é também diferença política, visto que se resulta em sujeição ou liberdade. É dado direito sexual das mulheres aos homens, configurando uma hierarquia nas relações, a qual é mantida pela violência física, verbal, sexual, emocional e moral. A autora aponta que o patriarcado não é algo natural às sociedades, nem sempre existiu, esse sucedeu às sociedades igualitárias, não se instaurando de maneira abrupta, mas através de processos históricos, em que a mulher foi sendo subordinada ao homem e se tornando um objeto privado de dominação e exploração, logo, oprimidas. No entanto, o patriarcado não afeta negativamente apenas mulheres, mas homens também, ainda que trazendo mais dano ao primeiro grupo.

Em razão de que ser homem está socialmente relacionado com agressividade e falta de afeto, essa realidade é apresentada no documentário *The mask you live in* (2015), no qual é exposta a vida de diferentes adolescentes dos Estados Unidos, esses relatam os sofrimentos pelos quais passam, por serem constantemente cobrados a demonstrar

sua agressividade, para dessa forma provar sua masculinidade. O documentário apresenta discursos que meninos ouvem desde a mais tenra idade, como “Homem não chora!”, “Isso é coisa de menina!”, ou ainda “Vira homem!”, demonstrando como essas falas afetam a personalidade desses indivíduos, que são a todo o momento não só incentivados, mas cobrados a agir como agressores, logo transformam a agressividade em agressão. Por conseguinte, o patriarcado é mantido através do medo, dado que é uma questão de controle, a qual perpassa a sociedade como um todo.

Sendo assim, é possível contemplar a profundidade na formação do gênero, o qual dá ênfase às relações complexas que podem ou não incluir o sexo e que não é por ele determinado a sexualidade do indivíduo. De acordo com Simone de Beauvoir (1967), não haveria uma essência ao ser, esse seria formado pela civilização, dando destaque a mulher, Beauvoir afirma que a visão que se tem de mulher não é um destino biológico, nem tão pouco psíquico, mas é através da mediação de outro que nos constituímos enquanto o que se chama de homem ou mulher na sociedade, tendo em vista de que a criança não se aprende como sexualmente diferentes, à vista disso “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967 p. 9).

O gênero, segundo Santos e Oliveira (2010), é algo complexo e temporal relacionado à cultura e sociabilidade, dessa forma é destacada a necessidade de entender a relação entre os indivíduos e a produção particular, analisando de que forma estas são organizadas, apreendidas e reproduzidas em forma de valores no cotidiano, sendo assim destaca a importância de identificar como os valores subjetivos e objetivos são apreendidos e reproduzidos nas vivências do dia a dia.

Segundo Bento (2008), a binaridade dos sexos reproduz e produz a ideia de que o gênero reflete o sexo, ou seja, pênis-homem e vagina-mulher, sendo assim a natureza determina o gênero de cada indivíduo, por posicionar os corpos em suas determinadas disposições naturais, nas quais “Toma-se a parte (as genitálias) pelo todo (o corpo)” (BENTO, 2009 p. 3). No entanto, Bento (2008) aponta que a transexualidade, experiência identitária que é caracteriza por problemas com as normas de gênero, seria algo inevitável a essas normas que estabelecem relações simplistas. Dessa forma, para designar um indivíduo como

mulher usa-se da ideia superficial: vagina, logo, mulher. Segundo Bento (2008), nesse discurso biologicista a vagina é definida como órgão sexual no qual o pênis se encaixa e por onde sai os bebês, ou seja, há dois atributos para ser mulher: ser heterossexual e mãe, com isso, uma mulher lésbica ou uma mulher transexual não seriam mulheres.

Nessa lógica os indivíduos possuem uma essência a priori que os determinam como sujeitos que não participam ativamente da existência, mas são dotados de signos e significados que os precedem. Segundo Bento (2008), ver dessa forma os sujeitos é aprisioná-los e fixá-los, vendo neles próprios à explicação para seus conflitos. A transexual idade consegue apontar os limites das normas de gênero, vendo que os indivíduos reivindicam o gênero que destoa do seu sexo, quebrando a causalidade entre sexo-gênero-desejo e expondo um sistema binário pautado no corpo-sexuado.

A cirurgia de transgenitalização, afirma Bento (2008), foi vista como uma forma de apontar essa rejeição total ao corpo que pressupostamente toda pessoa transexual possui, no entanto, segundo a autora, apesar de partes do corpo dessas pessoas serem considerados do gênero oposto e as impedirem de serem reconhecidas pelo gênero com o qual se identifica, são muitas as formas e caminhos encontrados por essas pessoas para conviver com seus corpos.

A cirurgia seria uma forma de se sentirem livre, aponta Bento (2009), por se livrarem da parte de seus corpos que os determina como pertencente ao gênero oposto ao qual se identificam; o pênis, a vagina, os seios seriam signos que representam o que é ser mulher ou homem na sociedade. Sendo assim, segundo Bento (2008), essas pessoas não padecem de um quadro patológico, mas poderiam adoecer por se sentirem angustiadas por medo do repúdio social, com relação ao seu modo de se comportar, vestir, falar, sentir.

A transexualidade foi classificada como patologia pela medicina e ciências psi, como transtorno de identidade de gênero durante vinte e oito anos no CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde), critério adotado pelo SUS (Sistema Único de Saúde) para a classificação de transtornos mentais, o qual é elaborado pela OMS (Organização Mundial da Saúde).

O CID10 obteve uma nova versão, a qual foi revisada e atualizada, o CID 11. Nessa a nova

versão a transexualidade que antes localizada na categoria Transtornos de personalidade e comportamento, classificado como Transtorno de identidade de gênero, é agora incorporada à outra categoria Condições relacionada à saúde sexual, classificado como incongruência de gênero (CFP, 2018). Essa mudança espelha os movimentos de luta feitos pelos grupos contrários a patologização da comunidade LGBTQ+.

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) antes da OMS já havia publicado a Resolução nº01/2018, a qual orienta os profissionais da psicologia a não patologização da transexualidade e travestilidade. Segundo o site do CFP a resolução citada está baseada em três pilares: A transexualidade e a travestilidade não são patologias; a transfobia precisa ser combatida, e ainda, as identidades de gênero são auto declaratórias. (CFP, 2018)

METODOLOGIA

O trabalho caracteriza-se por uma pesquisa qualitativa do tipo exploratório, que segundo Gil (2008), tem por finalidade esclarecer ou modificar conceitos e ideias, os quais se têm em vista formulação de hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Dessa forma, a pesquisa acaba por envolver menor rigidez no planejamento, quando comparado com outros tipos, pois tem por objetivo proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, de certo fato, visto que é realizado normalmente quando se tem um tema pouco explorado, tornando difícil a formulação de hipóteses precisas.

A vista disso, foram analisados depoimentos de pessoas transexuais, as quais não necessariamente terão passado pela cirurgia de transgenitalização. Os depoimentos foram retirados do documentário transgêneros: a vida além da identidade (2016) produzida por Maíra Menechini, e do artigo A diferença que faz a diferença: Corpo e subjetividade na transexualidade (2012) escrito por Berenice Bento.

Utilizando do artigo Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos (2006) foi levantado os pré-indicadores e indicadores, os quais conduziram à formação dos núcleos de significação. O procedimento consistiu na transcrição do material escolhido, o qual passou por várias leituras flutuantes, buscando obter uma maior apropriação de tal. A leitura auxiliará na

formação dos pré-indicadores, visto que esses são caracterizados pela alta frequência em que aparece nos relatos analisados tanto no documentário, quanto no artigo.

Uma segunda leitura permitiu a aglutinação dos pré-indicadores com base na sua similaridade, complementaridade ou contraposição, possibilitando menor densidade do material e maior compreensão do fenômeno, caminhando para possíveis núcleos de significação. O mesmo indicador pode ter diversos significados para cada indivíduo, tendo em vista que cada um possui suas próprias vivências. Dessa forma com outra releitura buscou-se sair da aparência do fenômeno, assim procurando sentido e significado nos núcleos de significação.

Os procedimentos consistiram na transcrição do documentário transgêneros: a vida além da identidade (2016) e várias leituras do artigo “A diferença que faz a diferença: Corpo e subjetividade na transexualidade” (2012). A partir desses relatos foram levantados os pré-indicadores e indicadores, para a construção dos núcleos de significação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formulação dos resultados da pesquisa foi sendo construída partindo dos pré-indicadores, para os indicadores, e por fim para os núcleos de significação. Com a análise dos núcleos será elaborado a discussão sobre o fenômeno estudado. A vista disto, foram analisados depoimentos de pessoas transgênero, as quais não necessariamente passaram pela cirurgia de transgenitalização, salientando a desassociação entre sexo e gênero.

Para tanto, foram retirados do documentário transgêneros: a vida além da identidade (2016) produzido por Maíra Menequini, e do artigo A diferença que faz a diferença: Corpo e subjetividade na transexualidade (2012) escrito por Berenice Bento, relatos que explicitam as vivências de gênero e sua influência sobre a identidade em transexuais.

Após a transcrição e realização de diversas leituras flutuantes, com base no texto de Aguiar e Ozella (2006), foi possível analisar os pré-indicadores, os quais se caracterizam:

[...] por maior frequência (pela sua repetição ou reiteração), pela importância enfatizada nas falas dos informantes, pela carga

emocional presente, pelas ambivalências ou contradições, pelas insinuações não concretizadas, etc. Geralmente, esses pré indicadores são em grande número e irão compor um quadro amplo de possibilidades para a organização dos núcleos. (AGUIAR E OZELLA, 2006, p.230)

Os pré-indicadores selecionados:

1. Demonstram como a identidade de gênero se apresentou durante a infância (nas brincadeiras, nas roupas e relações familiares):

Luan Munhão: “Eu passei a me identificar com o sexo masculino, pelo que eu consigo me lembrar, desde meus quatro anos de idade, que é quando começam minhas memórias.”

“Aos sete anos de idade eu fazia escolinha de futebol no meu condomínio. Toda vez que eu ia para a aula eu tomava banho e indo para o banheiro eu levava uma cueca que meu primo tinha esquecido em casa, então toda a aulinha de futebol eu ia de cueca, eu não ia de calcinha, porque era o momento que tipo eu tinha pra ser um menininho, mesmo que o professor fizesse um treino diferente pra mim do que pros meninos, era o momento que eu tinha pra ser um menino, e que ninguém sabia, era tipo um segredo.”

Danieli Balbi:” Então lembro que com quatro anos eu interpelei ela e falei “mãe eu acho que quando eu crescer vou virar a Daniela Mercury”, e ela não reagiu bem.

Alessandra Azevedo: “Lembro de uma vez que eu era da creche e ficava os meninos num canto e as meninas no outro, as meninas poderiam brincar com as bonecas, com as perucas, com tudo, e os meninos já brincavam com carrinho[...] tipo assim, eu queria colocar peruca na cabeça, aí a professora falou que eu não podia colocar peruca na cabeça.

Victor Vasconcellos: “pai eu sou homem né?” perguntando, aí meu pai falou “Não, homem é seu irmão mais velho”, se referindo ao outro, aí eu falei “eu, né pai?”, aí tipo eu acho que isso é o que ficou mais marcante, eu deveria ter uns três ou quatro anos no máximo.

Eric Vasconcellos: “Desde sempre não sabendo da existência de pessoas trans ou mesmo de identidade de gênero, que criança não tem acesso a esse tipo de informação, mas tipo, sempre me sentindo mais ligado ao universo das coisas tidas como masculinas, brincadeiras, roupas,”

Luan Munhão:” As atitudes que me diferenciavam do gênero ao qual falavam que eu pertencia, eram principalmente na infância, as brincadeiras, as roupas, a forma de agir que não era considerada pertencente ao gênero feminino. [...], sempre gostei mais dessas coisas consideradas masculinas.

2. Contradição com relação a transgeneridade manifestada na infância:

Laerte: “Eu sei que as pessoas trans de um modo geral se manifestam, quer dizer, a transgeneridade se manifesta desde a infância, não foi no meu caso, no meu caso deu-se diferente, eu acabei descobrindo a transgeneridade de forma tardia, depois de aceitar a homossexualidade.”

3. Relação com o próprio corpo e com o outro:

Danieli Balbi: “Às vezes eu acordava. Às vezes eu esquecia completamente e falava “ai meu Deus tenho que tomar banho”, aí eu me deparava com “aquilo” ... Então foi cada vez mais ficando... Quando você... Porque acho que decidir fazer a transição é um indício que as coisas estão muito, que você não aguenta mais viver naquele corpo.”

Danieli Balbi: “Eu acabei me relacionando com alguns rapazes e não foi feliz, porque essa questão sempre aparecia, e uma vez né, acho que a gota d’água foi em Abril quando eu me relacionei com um menino, uma relação de carnaval, num era mais carnaval, mas a gente tava naquela interação de night, conheci um menino que é até próximo do meu ciclo social, a gente interagiu e depois eu tive que contar, e ele falou “Olha você é linda, adorei ficar com você, mas isso é um limite”. Fiquei pensando nisso e falei “não, isso é a gota d’água”

Alexandra Azevedo: “Era louca de vontade de ficar com um rapaz, aí ele falou “não nunca vou ficar com um homem”, aí eu falei assim “tá bom”, fiquei quieta. Eu não tinha problemas com meu pênis, eu não utilizava meu pênis, mas eu não tinha problema nenhum com ele, sempre fui bem resolvida com meu corpo. Eu sempre tive na minha mente que, tipo assim, se eu nasci daquela forma era pra algum propósito, que eu ainda não sei o que que é, quem sabe não foi por causa da cirurgia?”

4. Descoberta da família/amigos sobre a identidade de gênero:

Luan Munhão: “Aos quinze anos foi quando eu contei para a minha mãe, na verdade primeiro foi para uma amiga que me ajudou a contar pra minha mãe como eu me sentia, mas quatro anos antes eu já me identificava como menino, eu levei esses quatro anos trabalhando isso comigo, procurando entender o que estava acontecendo e tudo mais, e só depois eu contei (pausa e reformula a frase), eu fui forçado a contar pra minha amiga.”

Victor Vasconcellos: “Foi uma situação que eu estava sozinho com minha mãe e ela falou: quero saber o que está acontecendo, e eu falei “Então mãe, eu sou homem e transexual” e comecei a explicar pra ela o que era, e ela ficou tipo bastante preocupada também por preconceito e etc, mas ela falou, se vocês são assim e tipo, entre aspas, não tem jeito, então tudo bem, pra mim vocês não deixam de serem os meus filhos, então foi uma situação bem tranquila.”

Eric Vasconcellos: “Nosso pai, ele não dialoga sobre isso, nunca pediu pra conversar sobre, ele sabe, mas finge que não sabe. E de outros membros da família ninguém nunca chegou pra conversar com a gente sobre isso.”

Danieli Balbi: “Minha madrinha saiu muito atordoada, minha mãe teve uma reação muito (ênfatisa) enérgica, por algum motivo voltamos a nos falar né, pontualmente ela mandava mensagem, pedia, e aí quando a gente se mudou pra esse apartamento, eu mudei de celular né, e aí minha mãe tava precisando de um celular novo e eu dei meu antigo pra ela, ela veio aqui e me viu né, ela tomou um susto porque eu tava com o sutiã sem bojo e uma blusa marcada, aí já aparecia bastante o seio, e muito mudada né. Ela quando entro aqui, ela me olhou assim, ela tomou um susto, e aí a gente teve uma conversa definitiva. Ela falou “Ha eu vou tentar”, parece que depois ela conversou com amigos, ela é enfermeira, conversou com amigos que já trataram né do caso, ficou mais tranquila, entendeu melhor a questão trans”

Luan Munhão: “A única pessoa que foi mais dura com a situação, num é bem a palavra, mas foi a minha biza, que ela tem setenta e sete anos de idade. Minha mãe diz que foi por causa da criação dela e tudo mais. A gente brigava muito, muito, eu ía na casa dela era “oi” e a gente já começava a briga. Ela fazia questão de me apresentar pra todas as amigas dela que passavam na rua, só que ela não me apresentava como Luan, me apresentava

como Luara, e isso me deixava bravo.”

5. Como se demonstraram afetados com a transição para o gênero identificado:

Luan Munhão: “Foi sensacional começar a tomar os hormônios, eu no dia, eu tava muito nervoso, porque eu tinha medo de que os exames dessem que eu não poderia usar, que tinha uma coisa que eu nunca ia poder usar, e aí eu tava muito nervoso, aí ela falou “Não, você pode usar”, aí eu “Tá bom”, aí ela passou o negócio e eu saí da sala, aí eu fui tentar pegar no próprio instituto da criança, não tinha, aí eu já entrei em desespero “Não vou tomar hoje, lascou, num vai ter em lugar nenhum”, aí na primeira farmácia que a gente parou eu comprei, aí tava tudo bem “Num vou chorar, num vou chorar”. Quando ele colocou a injeção eu já comecei “Meu Deus do céu”, eu não tava chorando de dor, minha mãe falou “Tá doendo tudo isso?”, “Não, é que eu to pensando em tudo isso e como eu queria isso”.

Victor Vasconcellos: “Pra mim eu acho que mais o reconhecimento social mesmo, que aí você começa a voz “Há é um menino, ele tem voz grossa”, e os trejeitos do rosto também mudando, mas esse reconhecimento social é bastante importante, até porque o meu período de transição foi dentro da faculdade. Então, no primeiro semestre eu era fulana e no segundo semestre eu já era o Victor, mas tipo, todo mundo olhava “Há você está louco”, “Isso nunca vai ser uma possibilidade”

Laerte: “Acho que o momento mais significativo foi o início mesmo. Eu lembro sempre do momento em que eu vi meu corpo depilado no espelho, e senti uma emoção única, era o meu corpo, meu corpo que eu sempre tinha visto, num tinha nenhuma modificação estrutural, anatômica, nem de volumes, nada, eu só tava vendo meu corpo despido daquela roupa de pelos, e como isso foi impactante pra mim”

Alessandra Azevedo: “Eu fiz prótese de silicone e a cirurgia de resignação sexual. Eu me senti realmente operada depois de uns dois meses, que aí quando eu consegui me olhar no espelho tava tudo bonitinho. Eu não posso dizer que atendeu todas as minhas expectativas, que eu ainda não tive minha primeira relação sexual. Faz três anos que eu fiz minha cirurgia e eu ainda não encontrei ninguém pra mim ter essa experiência, aí quando eu encontrar vai atender a todas as minhas expectativas, mas por enquanto não”

Victor Vasconcellos: “O momento mais feliz foi após a realização da mastoplastia masculinizadora, e nem exatamente depois do processo operatório, mas quando eu tirei o colete pós-operatório pela primeira vez e a sensação de andar com a camiseta e só o corpo e não ter nada além disso e colete etc pra esconder, foi maravilhoso, uma sensação ótima.”

Luan Munhão: “Eu tive vários momentos felizes depois disso, eu não sei explicar, mas acho que se eu fosse falar seria o momento que eu falei pela primeira vez, o dia que eu cortei o cabelo, a primeira vez que eu comprei roupa na sessão masculina e o dia em que eu usei o hormônio, acho que foram esses quatro. Foram fases diferentes da minha transição, sem falar os outros né que eu estava com os amigos, que eu passei com a família, o dia do meu aniversário que foi o primeiro ano do Luan, que fizeram bolo e colocaram vela de um ano, então tem vários sabe, não tem um só”.

Danieli Balbi: “O momento mais feliz da minha vida até agora foi ter realizado essa cirurgia, meu corpo representa minha morada, meu santuário, o corpo de uma pessoa é o nosso santuário, é óbvio né, o mecanismo mais poderoso de expressão da nossa identidade, expositivo que a gente tem de expressar e é onde a gente vive né, onde é o nosso lugar de acolhimento, então tê-lo e se apossar do seu corpo da forma como você quer, como você precisa, num tem preço, é empoderador”.

NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

1 - Jogos, brincadeiras e infância

O primeiro núcleo de significação destacado foi referente a infância. A partir da análise tornou-se possível discorrer sobre o relato da infância dos indivíduos presentes no documentário, como as brincadeiras, nas quais se pode perceber o interesse pelos comportamentos atribuídos ao gênero oposto. Entretanto, o interesse não passava despercebido pelos adultos, os quais tentavam colocar empecilhos para a realização. Como trazido por Alessandra:

“Lembro de uma vez que eu era da creche e ficava os meninos num canto e as meninas no outro, as meninas poderiam brincar com as bonecas, com as perucas, com tudo, e os meninos já brincavam com carrinho, com boneco (gagueja nessa parte como se tivesse errado com quais brinquedos os meninos brincam), bola e etc, aí se juntava os dois.

Uma coisa que me marcou naquela época é que, tipo assim, eu queria colocar peruca na cabeça, aí a professora falou que eu não podia colocar peruca na cabeça”.

Nas brincadeiras é possível perceber a construção das relações de gênero no sistema educacional infantil, em que há uma separação sexista entre brinquedos de meninas e meninos, dessa forma nas escolas ocorre a segregação nos jogos e brincadeiras. Com isso, ocorre a “naturalização” do comportamento das crianças para que ajam da forma esperada socialmente. Para isso, utiliza-se de vigilância e punição em comportamentos que destoam do determinado, não havendo espaço para a transgressão dos papéis de gênero nas brincadeiras (FINCO, 2003). Dessa forma,

Na medida em que meninas e meninos transgridem o que é pré-determinado para cada sexo, mostram que a instituição de educação infantil pode apresentar mais uma característica positiva quanto às formas dessas relações: o ambiente da educação infantil pode ser um espaço propício para o não-sexismo. É importante que o profissional que trabalha na educação de crianças pequenas tenha consciência deste potencial, para, desse modo, repensar sua prática educativa. (FINCO, 2003, p. 96).

Logo, as crianças não apresentam essa delimitação clara entre os gêneros, ocorrendo a recusa ou a ultrapassagem entre as barreiras sexistas, em que é estabelecido o lugar social com base no sexo, conseqüentemente elas são capazes de relações múltiplas, experimentando diferentes modos de brincar e se relacionar com o outro.

No documentário Luan afirma:

“Eu passei a me identificar com o sexo masculino, pelo que eu consigo me lembrar, desde meus quatro anos de idade, que é quando começam minhas memórias. Aos sete anos de idade eu fazia escolinha de futebol no meu condomínio. Toda vez que eu ia para a aula eu tomava banho e indo para o banheiro eu levava uma cueca que meu primo tinha esquecido em casa, então toda a aulinha de futebol eu ia de cueca, eu não ia de calcinha, porque era o momento que tipo eu tinha pra ser um menininho, mesmo que o professor fizesse um treino diferente pra mim do que pros meninos, era o momento que

eu tinha pra ser um menino, e que ninguém sabia, era tipo um segredo”

“As atitudes que me diferenciavam do gênero ao qual falavam que eu pertencia, eram principalmente na infância, as brincadeiras, as roupas, a forma de agir que não era considerada pertencente ao gênero feminino. Eu sempre brinquei muito de futebol, de lutinha com o meu primo, nunca gostei de usar saia, vestido rosa, sempre foi bermuda, camiseta chuteira no pé, machucado pelo corpo inteiro, sempre gostei mais dessas coisas consideradas masculinas.”

Nos relatos trazidos por Luan, percebe-se que quando criança ultrapassava ou negava as barreiras colocadas em seu gênero agindo de forma contrária a socialmente estabelecido. Pode-se, em hipótese, pensar que Luan por se identificar como homem transexual na vida adulta, relaciona seu comportamento na infância, como vestir cueca e jogar bola, com o sempre ter sido homem, mesmo na infância.

Entretanto, desempenhar tais comportamentos não é, ou não deveria ser, o que valida o gênero de uma pessoa, dessa forma, pensamentos como esse são o reflexo de uma sociedade sexista, na qual desde a infância é estabelecido o lugar social do indivíduo. Portanto, devem-se oferecer possibilidades para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, para que possa experimentar todas as brincadeiras e atividades sem medo do constrangimento social.

2 - Corpo, sexualidade como erotização

Em outras falas foi possível constituir um segundo núcleo de significação. Nesse buscou-se focar nos relatos da vida adulta, a relação com o próprio corpo, antes e após a transição, a sexualidade, as mudanças na aparência e a relação eu e outro.

Os relatos da relação com o corpo foram variados. Danieli expõe que “Às vezes eu acordava. As vezes eu esquecia completamente e falava “ai meu Deus tenho que tomar banho”, aí eu me deparava com aquilo (referindo-se ao pênis)”. Na fala de Danieli, pode-se perceber sua aversão ao pênis, ao não querer tocá-lo durante o banho, ou ainda, quando se refere ao membro como “aquilo”, como se o falar a palavra pênis fosse um afrontamento à sua performance no gênero identificado, algo que a fizesse sentir-se menos mulher.

As palavras são signos universais que

carregam sentidos particulares, pois evocam vivências pessoais. Nesse caso a palavra pênis evoca vivências com as quais ela não se identifica, sentindo que proferir tal palavra iria contaminar sua identidade. Entretanto, para Alessandra sua vivência com o órgão destoa de Danieli, segundo ela “Eu não tinha problemas com meu pênis, eu não utilizava meu pênis, mas eu não tinha problema nenhum com ele, sempre fui bem resolvida com meu corpo.”

As diferenças na relação com o corpo devem-se ao impacto das vivências pessoais sobre essas duas mulheres, que veem seus corpos de maneiras diferentes, uma delas sente-se extremamente incomodada com a presença do pênis, a outra, apesar de não ser totalmente neutra sobre seu incômodo com o pênis, ainda sim, não o sente como uma ameaça ao gênero identificado.

Como Laerte aponta em seu relato “as formas que existem de expressão da transgeneridade são infinitas, então se a pessoa precisa, se sente, sente a necessidade no seu corpo de modificações a serem feitas é preciso fazer”. Ou seja, não existe uma única forma de expressão ao se identificar com um gênero, deve-se agir de maneira a sentir-se bem consigo mesmo.

Nas falas relativas à sexualidade observa-se, no documentário, vivências que podem ter afetado de forma negativa a maneira como veem seus corpos, como colocado por Danieli “Eu acabei me relacionando com alguns rapazes e não foi feliz, porque essa questão sempre aparecia, [...] a gente interagiu e depois eu tive que contar, e ele falou “Olha você é linda, adorei ficar com você, mas isso é um limite”. Fiquei pensando nisso e falei “não, isso é a gota d’água”.

No relato de Danieli é possível perceber que suas vivências com a sexualidade foram impactadas de forma negativa. Na fala do rapaz “Olha você é linda, adorei ficar com você, mas isso é um limite”, nota-se que tudo nela é aceitável, mas o pênis é um limite, isso torna possível teorizar sobre o motivo de sua aversão ao próprio pênis, em que o órgão foi durante sua existência, colocado como um limite, algo que afetava sua autoimagem e fazia com que se sentisse menos mulher, deixando-a insegura com o próprio corpo, o que acaba por afetar suas relações.

A relação com o outro é extremamente afetada, pois o medo da aversão social acaba por repercutir nos mais diversos aspectos da vida. Dessa forma, intervenções que tenham por objetivo

ressignificar a relação estabelecida com o próprio corpo podem servir como ações protetivas, visto que a insatisfação corporal pode ser motivo para automutilação, depressão ou até suicídio (SILVA *et al.*, *apud* BARROS *et al.*, 2019).

Sobre as mudanças na aparência, desde a compra de roupas destinadas ao gênero oposto ou as cirurgias realizadas, é possível perceber que essas trouxeram maior felicidade, sentimento de liberdade e pertencimento, como observado nesses trechos:

Laerte: “Acho que o momento mais significativo foi o início mesmo. Eu lembro sempre do momento em que eu vi meu corpo depilado no espelho.”

Victor Vasconcellos: “O momento mais feliz foi após a realização da mamoplastia masculinizadora”

Luan Munhão: “Eu tive vários momentos felizes [...] que eu falei pela primeira vez, o dia que eu cortei o cabelo, a primeira vez que eu comprei roupa na sessão masculina e o dia em que eu usei o hormônio”.

Portanto, torna-se possível perceber que as mudanças na aparência permitem com que sintam que seus corpos os representam, como Danieli coloca:

Danieli Balbi: “O momento mais feliz da minha vida até agora foi ter realizado essa cirurgia, meu corpo representa minha morada, meu santuário, o corpo de uma pessoa é o nosso santuário, é óbvio né, o mecanismo mais poderoso de expressão da nossa identidade, expositivo que a gente tem de expressar e é onde a gente vive né, onde é o nosso lugar de acolhimento, então tê-lo e se apossar do seu corpo da forma como você quer, como você precisa, num tem preço, é empoderador.”

Outro material utilizado para análise foi o artigo, A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade (2009), no qual foram feitas diversas leituras flutuantes para o encontro de possíveis núcleos de significação, ocorrendo melhor exposição dos sentidos e significados que estão contidos nas falas dos indivíduos. O encontro dos núcleos se deu de maneira diferente do documentário. A partir de algumas falas destacadas partiremos para a análise.

O artigo inicia trazendo o relato de Kátia, a qual afirma que sempre se considerou mulher, e apenas com 14 anos, quando viu uma mulher nua

na revista do seu irmão, descobriu que seu corpo divergia do convencional.

Katia apresenta em sua fala extrema rejeição ao pênis, estabelecendo a relação entre o pênis ereto com a masculinidade, o que pode ser observado nesse trecho:

“Então, eu tentei esmagar, assim com as unhas. Eu tinha um pavor e um medo dele levantar algum dia.”

Para Kátia o pênis representa a negação da metamorfose de seu Eu idealizado, ou seja, a presença do órgão era vista por ela como uma ameaça a sua performance no gênero identificado, pois para ela esse exige a reposição de uma identidade odiada. Pessoas transexuais rompem com a reposição do papel social, acarretando, geralmente, sofrimento físico e emocional, visto que em uma sociedade cisgênero, heterossexual e machista, espera-se que os sujeitos se portem de forma “adequada”, repondo os papéis impostos socialmente.

A identidade, em um primeiro momento, parece um traço estático e imutável que define o ser. Tendemos a interiorizar aquilo que outros nos atribuem de forma que se torne algo nosso (CIAMPA, 1987), isto é repomos a forma como os outros nos veem, entretanto, com o desenvolvimento e acúmulo de vivências, pode ocorrer a metamorfose, em que rompemos com aquilo que é estabelecido.

Ao se referir ao pênis como “Aquela coisa”, “aquilo”, “um pedaço de carne”, evita-se que a identidade do indivíduo seja afrontada, visto que a palavra pênis, geralmente, contamina suas identidades: “Sugiro que ‘pênis’ e ‘seios’ podem ser classificados, nesse caso, como um tipo de palavras que contagia. Ao serem pronunciadas, desencadeiam um conjunto de posições identitárias para quem as emite e para quem as escuta.” (BENTO, 2009, p. 99).

Com base no depoimento de Kátia, a sua relação com corpo foi positiva até a descoberta que esse destoava do gênero atribuído socialmente, o que a fez entender a recusa da mãe durante sua vida, fazendo com que apresentasse ideias suicidas:

“O pior é que eu tinha uma obsessão de querer me matar na frente da minha mãe e falar: “você fez, você está vendo a destruição”. Era essa a intenção, sabe?”

Referente à incidência do suicídio na população transexual, estima-se que o Brasil está

em 8º lugar entre os países com maior índice de suicídio da população transexual (ANTRA, 2018). Buscando pensar o fenômeno suicídio para além de uma análise individualista que encontra no próprio sujeito o motivo de seu sofrimento, culpabilizando-o. Pode-se analisar a incidência do suicídio em pessoas transgêneros por um viés crítico, em que a ocorrência desse fenômeno está relacionada ao sofrimento psíquico, físico e emocional advinda da aversão social enfrentada no dia a dia dessas pessoas.

Outro relato analisado é o do João, esse aponta que o aparecimento dos seios na adolescência limitou sua liberdade, por que antes poderia ignorar as diferenças, ficar sem camisa, mas com a adolescência teve que se fechar ao mundo, o que lhe causou sofrimento.

Bento (2009), afirma que com a descoberta das diferenças anatômicas, chamadas por ela de descoberta do corpo sexuado, o indivíduo se depara com a limitação da sua liberdade, por verem nessa mudança a separação definitiva dos mundos dos gêneros. Essa descoberta é alvo de intenso sofrimento, por impor ao sujeito que se relacione com partes do corpo que o transforma em alvo de rejeição social e os impedem de viver a performance do gênero identificado.

Logo, muitos veem na cirurgia uma maneira de reafirmar a identidade de gênero. Transformando a transexualidade, segundo Laerte (2016),

Eu penso sobre a cirurgia, o seguinte, que dentro da ansiedade que as pessoas têm em relação a transformar seus corpos, subsiste ainda muito numa noção tradicional de relação entre sexo, genital e gênero, é como se a pessoa quisesse se sentir mulher ou se sentir homem da forma tradicional, portanto a transgeneridade deixa de ser uma transgressão, uma quebra, da cultura de gênero e passa a ser um reforço dessa cultura de gênero. Agora, as formas que existem de expressão da transgeneridade são infinitas, então se a pessoa precisa, se sente, sente a necessidade no seu corpo de modificações a serem feitas é preciso fazer. (TRANSGÊNEROS: A VIDA ALÉM DA IDENTIDADE, 2016)

A aversão ao corpo não é algo natural a indivíduos transexuais, com base nos relatos analisados, a rejeição ao corpo não é total nem geral, por causa das vivências que são diferentes

para cada sujeito, ou seja, não há uma autoimagem negativa, pelo contrário, muitos enaltecem partes do corpo que são tidas como “linda”, “maravilhosa”, e nem todos tem problemas com a genital estar em desacordo com o gênero atribuído socialmente.

Relatos que demonstram essa realidade:

Andreia: As colegas de faculdade falam assim: “Andreia, parece que sua bunda tem uma luz que brilha, porque onde você passa ninguém fica sem olhar”.

Vitória: Eu tenho tudo de mulher, mas a minha voz já é uma coisa que poucas têm. Eu adoro meus seios pequenos.

Vitória: Para te falar a verdade, esse negócio de ter o órgão não me incomoda. Eu quero me sentir mais feminina do que eu já sou.

Pode-se relacionar a aversão ao corpo com as vivências de preconceitos que a comunidade transexual enfrenta. Como é colocado na fala de Kátia: “Eu entrei no banheiro da minha patroa, quando eu via o preconceito na rua, eu entrava no banheiro com a faca na mão. Teve uma vez que eu quase tirei”.

A rejeição de partes do corpo é vivida com diferentes intensidades, isso se dá devido as diferentes histórias de vida dos indivíduos, como no caso de Vitória, em que o pênis não é uma fonte de intenso incômodo e insegurança como é para Kátia. Para Vitória a cirurgia é apenas para corrigir um pequeno detalhe, chegando a comparar com a ida a manicure para arrumar uma unha quebrada.

Outro exemplo é Bea, que coloca cirurgia como algo secundário, visto que o importante é sentir-se bem, pois de acordo com ela “não passará de um buraco”. O relato de Bea demonstra as infinitas formas que a transexualidade é expressa, em que ocorre a desassociação entre o gênero e o sexo.

Em ambos os materiais analisados percebe-se que as mudanças corporais advindas da transição, como a cirurgia de transgenitalização ou ainda, a mudanças nas roupas fazem com que se sintam livres, que seus corpos os representam. Percebeu-se também que as vivências impactam de formas diferentes, enquanto uns sentem necessidade de fazer a cirurgia, outros não se sentem assim. A imagem negativa de rejeição e aversão ao corpo ou a partes dele, não é algo natural e inato, mas construído na relação do indivíduo com a realidade que o cerca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve como objetivo analisar os relatos que explicitam as vivências de gênero e sua influência sobre a identidade de pessoas transexuais, além de adquirir maior conhecimento acerca do tema identidade de gênero. Dessa forma teve-se como base para análise dois materiais, o documentário transgêneros: a vida além da identidade (2016) e o artigo A diferença que faz a diferença: Corpo e subjetividade na transexualidade (2012). Em ambos buscou-se salientar vivências que impactaram as relações dos indivíduos com o corpo, com a família e amigos, para dessa forma analisar vivências de prazer e sofrimento acerca da transgeneridade.

O termo vivência abordado na pesquisa advém do conceito apresentado por Vygotsky, chamado perejivânie, o qual expressa a participação do indivíduo em uma realidade impactante. A vivência é uma unidade afetiva que conecta o indivíduo ao meio, sendo a síntese entre sujeito e sociedade, articulando a vida singular e coletiva, dando-se mediada pela afetividade.

A identidade é formada através das vivências do indivíduo com o mundo social, dessa forma há na identidade a necessidade da constante reposição de papéis, os quais são atravessados pela realidade objetiva universal e particular, como a classe social, a religião, o momento histórico. Tendo em vista que a identidade não é algo estático, mas sim passível a metamorfoses, haja vista a constante transformação e construção, que afeta o próprio indivíduos e os que estão ao redor.

Na transexualidade ocorre a não identificação com os papéis impostos, havendo assim a metamorfose, visto que há a constante negação da reposição desses papéis sociais. A transexualidade consegue apontar os limites das normas de gênero, rompendo com a causalidade entre sexo-gênero-desejo, expondo um sistema binário que é pautado no corpo-sexuado.

Nos relatos apresentados no decorrer do trabalho, pode-se perceber que a reposição dos papéis na identidade de transgêneros ocorre desde a infância, culminando em conflitos sociais e individuais, já que a aversão social pode ser fonte de grandes inseguranças e sofrimento psíquico. O que torna possível pensar que as mudanças na aparência permitem com que sintam maior segurança e representatividade em seus corpos.

Ademais, algo a se ressaltar é a escassez de material teórico sobre identidade de gênero e psicologia, já que por muitos anos acreditou-se que a transgeneridade era uma patologias, dessa forma é de suma importância que a psicologia, a qual por muitos anos colaborou para a patologização da transexualidade, haja de forma a desmistificar o que antes era propagado, realizando dessa forma debates e publicações científicas sobre identidade de gênero, a fim de produzir e desenvolver conhecimentos que auxiliem na propagação e promoção de saúde mental para essa população que sofre com preconceitos no seu dia a dia.

Por fim, é importante salientar que a produção dessa pesquisa deu-se como uma experiência de vida necessária, pois tive de sair de minha zona de conforto, pesquisando sobre algo que interessa e impressiona a primeira autora, sobretudo por viver em grupos sociais que não convivem com pessoas transgênero. Durante toda minha vida fui criada em um lar religioso, com a chamada família tradicional brasileira, nunca havia conversado com uma pessoa que divergiu da norma cisgênero, apenas durante a graduação em psicologia consegui sair da minha bolha social e perceber o mundo de uma forma diferente.

Desse modo, é necessário que a universidade continue a produzir conhecimentos e discussões, proporcionando maior aprofundamento nas questões relacionadas ao gênero, com vistas à superação de preconceitos e tabus.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição de sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006.

ANTRA: **Precisamos falar sobre o Suicídio das pessoas Trans!** Disponível em: <https://antrabrasil.org/2018/06/29/precisamos-falar-sobre-o-suicidio-das-pessoas-trans/>. Acesso em: 19 dez 2019.

BARROS, L. O.; LEMOS, B. R. C.; AMBIEL, M. A. R. Qualidade de vida e satisfação com a imagem corporal de transexuais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 71 (1): 184-195, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP): **Resolução CFP nº 01/2018**. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/tag/resolucao-cfp-01-2018/>.

Acesso em: 19 dez 2019.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. In: BEAUVOIR, S. Primeira parte Formação. 2. ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967.

BENTO, B. Transexual e as armadilhas de gênero. In: BENTO, B. **O que é transexualidade**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 15-56.

BENTO, B. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas**, Rio Grande do Norte, n. 04, 95-112, 2009.

BOCK, A. M. B. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 15-35.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 19-40.

CIAMPA, A. (2012). Identidade. In: S. Lane (Org.), **Psicologia Social**: o homem em movimento (pp. 58-74). São Paulo: Brasiliense.

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**. v. 14, n. 3 (42), set./dez. 2003

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 27-28.

LANE, S. T. Prefácio In: CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a Severina**: um ensaio de psicologia social. In. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 9-11.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, S. M. M.; OLIVEIRA, L. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanço. **Revista Katál**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-19, jan/jun. 2010.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1. ed. 2004.

SCOTT, J. "Gênero: uma categoria útil de análise

histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

PAULINO-PEREIRA, F. C.; SANTOS, L. G. A. dos; MENDES, S. C. C. Gênero e identidade: Possibilidades e contribuições para uma cultura de não violência e equidade. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 29, e172013, 2017.

MENEQUINI, M. *et al.* **Transgêneros: a vida além da identidade**. Orientação de Eliane Basso. São Paulo, 2016. Documentário (32’16”). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WupOPOrH8hw>. Acesso em: 09 nov. 2018.

TOASSA, G.; SOUZA, M. P. R. de. As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 757-779, 2010.

NEWSOM, J. S. *et al.* **The mask you live in**. *et al.* 2015. Documentário (97’). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I1OI9B0VSIA>. Acesso em: 19 dez. 2019.

VYGOTSKI, L. S. A Transformação Socialista do Homem. URSS: **Varnitso**, 1930. Tradução Marxists Internet Archive, english version, Nilson Dória, Julho de 2004, Disponível em: <http://www.marxists.org/>. Acesso em: 09 nov. 2018.

LA EXPERIENCIA Y SU RELACIÓN CON LA TRANSEXUALIDAD: UNA MIRADA SOCIO-HISTÓRICA

RESUMEN: A pesquisa pautou-se na abordagem da psicologia sócio-histórica, a qual vê o indivíduo como um ser ativo, social e histórico. Para a psicologia sócio-histórica o sujeito busca respostas às suas necessidades pautando-se em condições objetivas e determinadas, somos produto e produtores da realidade, um agregado de relações sociais. Desta forma uma sociedade que tem como norma a heterossexualidade, a binaridade sexual, os papéis sociais de gênero e o patriarcado, acaba por naturalizar fenômenos sociais, levando a impossibilidade de ações que busquem garantir uma maior equidade de gênero. Mediante essa realidade, a pesquisa analisou as vivências de transgêneros, os quais negam a reposição de papéis sociais em sua identidade, ocorrendo a metamorfose destas. A pesquisa se caracteriza como qualitativa exploratória e se pautou na metodologia de construção da informação. Foram separados pré-indicadores e indicadores, os quais conduziram a formação dos seguintes núcleos de

significação: “jogos, brincadeiras e infância” e “corpo, sexualidade como erotização”. A discussão apontou para a tentativa de reposição dos papéis sociais na identidade de transgêneros desde a infância, podendo acarretar em dificuldades de se relacionar com outros e com o próprio corpo, dado a rejeição social experimentada. Dessa forma, essa pesquisa pretende contribuir para a produção de conhecimentos que auxiliem na propagação e promoção de saúde mental, e ainda, para a desconstrução de preconceitos e tabus vivenciados pela população transgênero.

PALAVRAS CLAVE: Psicología Social; Identidad; Género; Marxismo.